



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14312 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

FILHOS DE PEIXE: IDENTIDADES DA EDUCAÇÃO INDÍGENA DO POVO XIKRIN DO RIO BACAJÁ

Marina Rodrigues Miranda - UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

Rafaella Capela Leão - UFPA - Universidade Federal do Pará

FILHOS DE PEIXE: IDENTIDADES DA EDUCAÇÃO INDÍGENA DO POVO XIKRIN DO RIO BACAJÁ

Resumo: Este artigo situa-se no aprofundamento do *corpus* teóricos de Smith (2018) e Brandão (1981), no acento à Educação Indígena como fonte de memória, identidade e história. Somamos a esse aporte teórico as teses de Silva (2016) e Carvalho (2014), referentes as suas pesquisas etnográficas com o Xikrin do Bacajá. Esta pesquisa é de natureza qualitativa de inspiração etnográfica, numa análise de uma cartilha “Os peixes do rio Bacajá” (CARVALHO, 2015) mediados nos processos de formação de professores que atuam na Educação Escolar Indígena. A coleta de fontes realizou-se em 2021/2022, no Médio Xingu em Altamira/PA. A problemática tangia-se na seguinte questão: A análise que os professores fariam da cartilha situaria nas fontes das memórias e histórias ou na síntese do processo de aquisição da escrita? As críticas “brotaram das águas Bacajá” no conteúdo do Caderno por desconsiderar os impactos ambientais vivido pelos Xikrin no barramento do rio Xingu, secando as fontes do Bacajá em identidades. Em outro viés, pelo tratado das narrativas, a cartilha reforça o âmbito da alfabetização sem relevo à produção cultural. O fundamento propagado pelos professores na Educação Escolar Indígena firma-se no conhecimento orgânico das crianças Xikrin.

Palavras-chave: Formação de professores, Educação indígena, Identidade, Fonte histórica

Introdução

O ano passado foi decisório para garantir a retomada do estado democrático de direito ao exercício de cidadania das populações indígenas e outras populações ribeirinhas. No sentido de pensar de como eles teriam acesso aos trânsitos de votação nas cidades mais próximas, considerando que a Educação Escolar Indígena (EEI) se realiza nas Terras indígenas (TI), e os professores indígenas e não indígenas que atuam nessa modalidade permanecem por lá durante alguns meses, vindo esporadicamente para a cidade de Altamira/PA. Esse município é o maior do Brasil em dimensão territorial, dificultando os trânsitos desses professores, rio afora nos deslocamentos.

Nesse sentido, não houve nenhuma dificuldade dos trânsitos dos professores aldeados e professores não indígenas como previam, todos vieram para Altamira para votarem financiados pela Secretaria de Educação Municipal (SEMED), que potencializou este tempo planejando para semana seguinte da eleição uma imersão docente para esses profissionais com duração de 60 horas.

Nesta oportunidade, o processo educativo com os professores indígenas de nove etnias Juruna, Arara, Araweté, Xikrin, Assurini, Kayapó, Parakanã, Kuruaya, Xipaia, s discussões implicadas neste momento constituíram polifonias originárias nos círculos de conhecimentos, entremeando narrativas em torno dos novos rumos por terem acabado de eleger um representante popular e democrático. Muitas questões foram repercutidas, umas recorrentes, a exemplo, sobre o impacto da implantação do complexo Belo Monte, resultando em desastres ambientais, e retirada dos povos indígenas de seus territórios. O que reverberava era se haveria novos acordos para a continuidade de operação da Norte Energia.

Na ocasião, a coordenação da Educação Escolar Indígena da Semed - Altamira disponibilizaram o acervo das cartilhas-cadernos produzidos na referência de alguns povos indígenas da Amazônia paraense para que fosse selecionado para fundamentar o processo educativo já em curso desde o ano de 2021, uma das cartilhas foi “Os Peixes do Rio Bacajá” (2015), matéria deste artigo. A seleção não foi aleatória, os povos indígenas desta região são povos que exercitam suas espiritualidades em identidades com os rios. Os Xikrin do Bacajá auto denominam-se Mëbêngôkre, traduz como “povo que saiu do buraco d’água” [më: coletivizador, nós; ngô: água; kre: buraco] (VIDAL, 1977). Os Xikrin vivem na TI Trincheira Bacajá à margem do médio rio Bacajá, afluente do rio Xingu.

Nesta via, produzimos com os professores participantes etnosaberes nas línguas maternas tratado no dispositivo selecionado, flamejando intertextos. As questões problemas eram amplas, as notas de campo previstas para serem constituídas no tempo de Formação Continuada, não eram suficientes. Requeriam aprofundamentos, sendo assim optamos por realizar entrevistas com alguns professores no curso desta ação. Para compor a jornada de conhecimentos da pauta etnográfica, incorporamos enquanto categorias de análises a serem observados dados compilados de duas pesquisas com o povo do Bacajá. A tese de Carvalho (2014) resulta em um estudo etnoictológico Xikrin- Mëbêngôkre tecendo conexões culturais e ambientais da interação homem-peixe na TI Trincheira Bacajá. Parte do enredo de sua tese

foi pauta para elaboração da cartilha que selecionamos “Os peixes do Rio Bacajá” (CARVALHO JUNIOR *et al*, 2015). Já o estudo de Silva (2016) tece uma descrição etnográfica sobre a crítica Xikrin à política dos brancos que se contrapõe aos modos de existência desse povo na cultura Mëbengôkre, em virtude da construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte.

As questões vinculadas aos impactos ambientais no processo de barramento dos rios foram círculos de criticidade entre os participantes da Formação Continuada, já que os Xikrin têm como fonte de vida o rio Bacajá. As referências leitoras da cartilha se fossem tratadas organicamente potencializariam EEI. No entanto, optaram pelo método mnemônico da execução de escrita dos nomes dos peixes, fomentando o processo de alfabetização aos modos dos colonizadores.

Quanto a este conteúdo não houve relevo, uma vez que estavam presentes os representantes da Belo Monte, que foi a instituição financiadora de todos os cadernos/cartilhas. Sendo assim, construímos propostas para que esses dados fossem deflagrados nas marcas d’água das oralidades, fundamentadas na memória-histórica daqueles que tinham conhecimentos da historicidade desse povo.

Os peixes do Rio Bacajá

A propagação didática das atividades da cartilha consiste em elencar 35 espécies de peixes do rio Bacajá escrito na língua Mëbêngôkre, apresentando suas características. Numa análise prévia, em parte anunciavam a pedagogia do texto articulada à cultura Bacajá, estes não se concatenavam à realidade aventada no processo formativo.

A obra em questão incluía uma atividade de desenhar cada espécie de peixe, ao invés de considerar a histórias das crianças com os peixes. A repetição sintética alicerça o instrumento de doutrinação e dominação. Havia na proposta um certo descaso com os Xikrin, as crianças indígenas viventes na beira do rio são os próprios rios, possivelmente elas conheciam cada um daqueles peixes, pelas suas identidades peixenses do Bacajá.

Uma outra proposta de atividade era que a criança reconhecesse um dos peixes, ilustrando cada parte anatômica nomeando na língua Xikrin. Essa análise se aprofunda na tese “A etnoictiologia dos pescadores Xikrin, da Terra Indígena Trincheira Bacajá” do mesmo autor da cartilha, Carvalho Júnior (2014). Em uma parte da obra ele *disserta sobre a festa Ngôkadjymetoro (timbó) e Bô (aruanã)*:

[...]Nas excursões de pesca realizadas no período ngô ngrã (seca), para providenciar o alimento para o ritual da festa do Bô (Aruaná), observamos ao chegarmos à comunidade, algumas dessas espécies, que não apresentam valor comercial na região, serem entregues aos mëbêngêt. Os especialistas citaram que, no período de seca, na festa Ngôkadjymetoro (timbó), **esses peixes são colocados inteiros (com as vísceras)** para assar na brasa e oferecidos aos mais idosos. (CARVALHO JUNIOR, 2014, p. 60) (destaque nosso)

As crianças precisam aprender a anatomia do peixe dissecando as partes? Não seria

melhor um banquete do peixe assado sendo comido com tripa e tudo? Na propagação reflexiva, as imagens dos peixes na cartilha trouxeram outras perspectivas leitoras entre os professores, compondo conhecimentos multirreferências e multidimensionais aos processos educativos. Ora concatenada à cartilha, ora desconstruindo os pressupostos nela apresentados, acentuando potências à Educação indígena.

[...] Eu trabalho com povo Xikrin da TI Trancheira Bacajá, do tronco linguístico Macro Jê, um povo com cultura muito forte, posso afirmar que este povo preservar suas culturas de modo originário (muito forte, fortíssimo). É uma experiência riquíssima, chegar com uma bagagem e receber uma maior ainda, sobre esse povo, gente é sem igual por você adquirir uma cultura singular, pois são crianças que vem com sua própria língua. [...] Participar da educação escolar indígena deste povo e ainda mais aprender com eles é algo diferente. Eu pude aprender o novo, aprender coisas que jamais pensei em aprender no mundo (FARENAIDES VAZ, professora da Tricheira Bacajá, junho/2022)

Nesse sentido reflexivo, percebe-se na narrativa que a professora realçou as suas aprendizagens a partir das cosmologias das crianças. Escolarizar a educação indígena não implica impor referências colonizadas nos processos aquisição de leitura e escrita, reproduzindo os métodos sintéticos de alfabetização. Neste método o Mëbengôkre se estilhaça em seu tronco linguístico Xikrin, quando devia resguardar a língua herdada dos ancestrais em processos orais e orgânicos.

Realizar a leitura das duas teses fundamentou nossa pesquisa na análise reflexiva apresentadas. Retomamos o foco a cartilha, Carvalho Junior (2015) destaca,

[...] Dessa forma, para realizar esta cartilha partimos do princípio de que o peixe faz parte da essência do povo Xikrin. [...] O simbolismo de dividir com o outro aquilo que se come, pressupõe também o dividir anseios e desejos, pois, neste momento, se está em sintonia com e para o outro, que nos leva a sentir paz e a certeza de que existe um futuro para as aldeias. (CARVALHO JUNIOR, 2015, pág. 7)

O futuro para as aldeias anunciado por Carvalho Junior (2014) se desalinha à prospecção em Silva (2016), nos contrapontos dos indígenas Xikrin em relação aos impactos das barragens que seriam construídas pela Norte Energia, em razão do estrangulamento do rio. O aprofundamento da causa pela autora sinaliza a luta do povo Xikrin, nesta correlação de forças eles ainda não são peixes fora d'água.

[...] O rio Bacajá é pequeno e corre muito, tem muitas cachoeiras. É o rio Xingu que segura o rio Bacajá. Na época da seca, quando o rio Xingu seca, o rio Bacajá desce todo. [...] Se tiver barragem, o rio Xingu vai ficar seco e nada mais vai segurar o rio Bacajá. Se tiver barragem o rio Bacajá irá todo embora, vai vazar até acabar. [...] Se o Xingu secar, o Bacajá vai secar também. E se o Bacajá secar, a caça vai embora para longe, os peixes vão morrer porque muitos deles saem do Xingu e sobem para o Bacajá. [...] Não conseguiremos mais navegar. Como vai ser para nossos filhos e netos? Eles vão viver de que? Porque só sobrarão ratos e sapos. E nossos filhos e netos terão de comer sapos e ratos? (SILVA, 2016, p. 19)

Neste curso, trouxemos para o círculo cartas de rio endereçadas aos professores, escritas vivas de pessoas de outras regiões. A inspiração das cartas era em prol da vida do rio Xingu. O intuito da leitura fomentou circularidades culturais, sociais, espirituais identificadas a esta natureza. O propósito da carta era provocar indutos educativos com a identidade peixense, de preservação da vida. A pedagogia da flecha era aprender com indígenas na

convivência de compreender “O que é Educação” na autoria de Brandão (1981, p.7) Educação? Educações: aprender com os “índios”.

Neste cosmo, os indígenas teceram escritas e autorias coletivas reverberando as próprias vozes do rio Xingu. O grupo Kady valorizou o eco em uma escrita aos Xikrin do Bacajá.

Caro leitor

Venham conhecer o lugar que me encantou! Não sou mebêngôkre, mas tive a oportunidade e o prazer de trabalhar e conhecer um povo de identidade forte e fluente que moram a margem do Rio Bakajá.[...] Pude perceber que o anseio por aprender com este povo Xikrin, ricos em saberes próprios, escolarizados na vida, no cotidiano natural. Quem os ensinou? Tem sido você? Tem sido eu? Não fui eu e nem você. Foram os saberes nativos nascido no Mebêngôkre, que vem passando de geração em geração. Por muitas vezes fui com eles pescar, com as crianças, me ensinaram pescar várias espécies de peixes, nesta referência que se chama Bakajá. Peguei fidalga, mandí, piranha e piaba, só não peguei o peixe raia, pois, este não o vi por lá. [...]. (GRUPO KADY, outubro/2022)

Optamos por não analisar os substratos destas fontes orais, elas se materializam por si, organicamente como prevíamos, encorpando o currículo pluriepistêmico e multilinguístico legitimando a sintonia de Brandão (1981), afirmada neste tensionamento educativo. A Educação Escolar Indígena é necessária quando se implica em aprender-ensinar-e-aprender, em educação com seus distintos símbolos e significados. A interação educativa dos professores com os peixes do Bacajá, inter cruzou memórias que se tornaram legitimadas em identidades ainda preservadas, como reascenderam denúncias de violação ambientais causada pelo barramento dos rios.

[...] No entanto, tem sido a influência do homem branco (kubem), que veio a floresta querendo o rio acabar, em busca de ouro e riqueza, destruindo o grande Rio Bakajá. As águas eram transparentes como as águas do mar. Hoje barrenta e poluída e peixes nas águas a boiar. Que injustiça! Vê a natureza acabar. São as influências humanas que agem sem pensar. Sem pensar no outro que vive neste lugar. E você caro leitor? Já pensou como este povo está? Sem o alimento predileto e saudades das belas águas do Rio Bacajá. (GRUPO KADY, Outubro/2022)

O *corpus* desta pesquisa brotou nas fontes d'águas do rio Bacajá, na pauta de Smith, (2018) pesquisas com povos indígenas requer distanciar-se dos reflexos imperialistas que compreende os indígenas como objetos de estudos da ciência, nesta via epistemológica “Descolonizar metodologias, pesquisas e povos indígenas” é pedagogia da flecha, é luta,

[...] A luta para afirmar e reclamar a nossa humanidade tem sido o fio condutor dos discursos anticoloniais a respeito da colonização e opressão. Essa luta por humanidade inserida em discurso mais amplo de humanismo: a reivindicação dos “direitos” humanos, a noção do sujeito humano universal e as relações entre ser humano e ser capaz de criar histórias, conhecimentos e sociedades (SMTH, 2018, p.39)

Nesta afirmação, tomamos água na cuia Xikrin em alteridade com estes povos apreendendo aos goles a identidade peixense. Os rios Amazônicos detêm 13% da água do mundo, a Amazônia é “terra pátria água”. Amazoniar-se é sentido de alteridade, reflexo equânime, engajamento a luta para manutenção da vida planetária.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é a educação? 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARVALHO JUNIOR, Jaime Ribeiro. A etnoictiologia dos pescadores Xikrin da terra indígena Trincheira Bacajá. Universidade Federal do Pará, 2014.

CARVALHO JUNIOR, Jaime Ribeiro, *et al.* Livro de leitura na língua Mebêngôkre

Tekàpôti nhõ ngô kãm tep. *Os Peixes do rio Bacajá*. Volume I. Altamira, 2015.

SILVA, Thais Regina Mantovanelli da. Os Xikrin do Bacajá e a usina hidrelétrica de Belo Monte: uma crítica indígena à política dos brancos. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, 2016.

SMITH, Linda Tuhiwai. Descolonizando metodologias, pesquisas e povos indígenas; Tradução Roberto G. Barbosa. - Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

VIDAL, L. Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xikrin do rio Cateté. Hucitec, São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1977.